

A MORTE E O MORRER

Eduardo Ribeiro Mundim

Falar sobre a morte não é fácil. O tema logo provoca desconforto, habitualmente percebido por piadas mais ou menos sem graça, e risos forçados. Os jovens não querem nela falar, porque lhes parece irreal, longe, afeta apenas aos idosos e doentes. Os idosos e doentes frequentemente desejam comentá-la, prepararem-se para ela, para profunda consternação dos familiares e equipes de saúde. Aqueles a negam, na ilusão onipotente da juventude; estes a temem, na certeza de sua proximidade crescente à medida que os dias se passam.

Ela é um evento multifacetado. Várias faces, nenhuma resumindo o todo, e o todo não revelando os detalhes. Elas podem ser agrupadas por similaridade: a forma, o momento, as razões, as pessoas, as repercussões, o luto... Fome, doença, violência, ação estatal, decadência progressiva, etc.

É um evento profundamente humano, inescapável e onipresente.

Um conto lido recentemente marcou meu imaginário a respeito do tema. Provavelmente, ele apenas organizou pensamentos e leituras até então desconexos. Trata-se do "conto dos três irmãos", de Joane K Rowling¹. Resumidamente: três irmãos bruxos iniciaram uma jornada, onde, a certo momento, encontraram um caudaloso rio. Não havia possibilidade de atravessá-lo à pé ou à nado, nem embarcação disponível. Juntos, conjuraram uma ponte, imediatamente concretizada. Após percorrerem metade da sua extensão, o caminho encontrava-se bloqueado por uma figura negra e encapuzada. Furiosa por não ter conseguido as três vidas (que era o evento habitual para os viajantes naquele ponto da estrada), a Morte se apresentou a eles, dando-lhes o direito de demandarem, individualmente, um desejo. O mais velho, orgulhoso, e o mais forte, exigiu uma varinha mágica imbatível, impossível de ser derrotada, digna daquele que a vencera. Do galho de uma árvore próxima, a Morte tirou um ramo, fabricando dele tal varinha, deixando-o passar. O segundo irmão, arrogante, desejando ampliar a humilhação da inimiga, demandou a capacidade de tornar à vida os mortos. Ela, pegando um pedregulho das margens do rio, infundiu-lhe tal poder, e a entregou. O mais moço a tudo observava, e desconfiado do drama que se desenrolava, pediu-lhe apenas que pudesse dali sair, sem ser achado por ela. Muito a contragosto, a Morte lhe entregou a própria capa. Os irmãos seguiram viagem, e se separaram no devido tempo. O mais velho tinha contas a ajustar com um conhecido. Procurou-o e o venceu em um duelo de mágicos, matando-o. Dirigiu-se a um bar na cidade, onde, em meio aos muitos copos de álcool, vangloriou-se do feito e de sua varinha. Pela madrugada, um dos ouvintes invadiu seu quarto, onde dormia profundamente, roubando-lhe a preciosa varinha. Apenas por precaução, degolou-o. E a Morte recebeu o primeiro irmão. O segundo, sozinho em sua residência, viu, através da pedra, uma moça que sonhara desposar anos antes. Resgatou-a do mundo dos mortos, trazendo-a para junto de si. Contudo, ela não se adaptava ao mundo dos vivos, e preferiu novamente morrer. Desesperado, e como única maneira de reunir-se verdadeiramente a ela, ele se matou. E a Morte recebeu o segundo irmão. Os anos se passaram, e por mais que procurasse, ela não encontrava o caçula. Já muito velho, família constituída até a terceira geração, tendo realizado o que fora possível, o mais novo retirou a capa, passando-a para o filho, e aguardou a Morte. Ela foi recebida como uma velha amiga, e, como amigos e iguais, ele partiu

com ela.

Neste conto temos três mortes, três faces. O primeiro, seguindo o ditado popular, morreu como viveu, pela violência. O segundo, incapaz de fazer frente à impossibilidade do seu desejo, suicida-se. O terceiro, sabedor de que o encontro somente poderia ser adiado, viveu a vida com plenitude, e soube encontrar a morte no momento em que ela se encaixava na vida.

O propósito aqui, neste encontro, é refletir sobre a morte e a fé cristã, na sua vertente evangélica. A morte em relação a doença, e a vida como um preparo para a mesma. Estas são as faces que delimitam a presente reflexão.

E a primeira manifestação que vem à mente é o brado do apóstolo Paulo: "onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" (I Co 15.55). A morte, torturadora por constituição, é uma inimiga a ser vencida. Mas será esta a única visão possível? Não será a morte nas Escrituras também multifacetada? Será ela sempre a antítese da vida?

A morte carrega o absurdo. O absurdo da não mais existência; o absurdo de chamar o João, falecido há pouco, de corpo; o absurdo de, vendo-lhe a face, não ver-lhe o espírito; o absurdo da cisão, da ruptura, da desagregação violenta de uma unidade bio-psico-espírito-social que se julgava indissociável. O paradoxo de continuar a ser sem um corpo físico, em outra dimensão, separado, na não existência para os que ficam.

A vida é valorizada do início ao fim das Escrituras. Numerosas são as referências bíblicas para desfrutá-la e todo um livro foi escrito para celebrar o amor entre um homem e uma mulher. Em momento algum ordena-se ou estimula-se o suicídio, e uma vida longa é entendida como abençoada. Contudo, mesmo como dom de Deus e dEle procedente, não é valor supremoⁱⁱ. Disto Elas também dão testemunho. O assassinato premeditado era punido, na Antiga Dispensação, com a pena capital, e não havia lugar na face da terra que tal assassino pudesse se refugiar – nem mesmo no altar. Se tal ocorresse, a ordem divina é que ele deveria ser arrastado de lá e executado (Ex 21.14). E mesmo uma vida inocente não valia o preço da apostasia. Sadraque, Mesaque e Abede-nego se recusaram a adorar a estátua de ouro de Nabuconodossor, sabedores da penalidade e do modo de execução (Dn 3), em uma época que a noção de ressurreição não existiaⁱⁱⁱ. Até então, o destino dos mortos era o "sheol", o mundo subterrâneo onde não há lembrança de Deus nem o Seu culto, mas uma radical separação dEle – portanto, uma existência que não poderia ser chamada de "vida"^{iv}. Sem nenhuma perspectiva de recompensa posterior, em outra vida, ou naquela, deixam claro ao rei, no julgamento, "Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste." (Dn 3.16-17)

Portanto, temos estes dois eixos: a vida como um dom precioso que não pode ser desperdiçado, e o seu não valor absoluto – há coisas mais valiosas.

As Escrituras são claras em aceitar como fato inquestionável a morte: ela vai ocorrer. Por razões que não nos dizem respeito, apenas dois seres humanos não a sofreram, Enoque e Elias. E Deus mesmo sabe o que ela significa, pois escolheu vestir toda a nossa humanidade em Jesus, sofrendo não só a fome, como a espada e a

morte em uma versão cruel e sádica. Ainda que seja um terreno pouco firme usar a atitude dEle diante da morte como parâmetro para nós, é digno de nota o Seu apelo: "se possível, passa de mim este cálice" e "que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora" (Jo 12:27). Ainda que seja dito comum de que a morte entrou no mundo através do pecado adâmico, diversos comentaristas apontam que não havia promessa de imortalidade no Éden, e que a morte aconteceria após um longo período de vida frutífera e feliz^v.

Dentro dos limites propostos, temos a morte como consequência à doença. E nos dias atuais, uma questão é saber quando alguém morreu. Não há dúvida quando o corpo está rompido por um acidente, ou em estado de decomposição. Mas quando a morte (a ruptura bio-psico-espírito-social) chega? Algumas respostas a esta questão são avaliadas pela implicação imediata no extremo oposto: quando a vida começa? Se é possível perscrutar as Escrituras em busca da resposta à segunda questão^{vi}, elas não nos auxiliam na primeira; dependemos exclusivamente de outras fontes para respondê-la.

O avanço tecnológico permite que se mantenha um coração batendo em um corpo incapaz de respirar por si mesmo e sem nenhum contato consciente (e talvez inconsciente) com o mundo exterior (e interior); ou um corpo vivo, que respira espontaneamente, mas absolutamente inconsciente. Paradoxos ocorrem^{vii}: "mãe em morte cerebral dá à luz e morre" (é possível um cadáver dar à luz?). Progressos médicos históricos acontecem em um vazio ético^{viii}: o primeiro transplante cardíaco foi realizado quando não existia o critério de morte encefálica. E esta não é uma unanimidade entre os técnicos, a ponto da Federação Evangélica Francesa chamar a atenção para o fato de que "morte encefálica não pode ser considerada por algumas pessoas ou culturas como a verdadeira morte. É um evento mais do que uma realidade.^{ix}" E adeptos de teorias conspiratórias vêm nele apenas um mecanismo de lucro no "negócio de transplantes"^x.

Portanto, questões prementes carecem de aprofundamento em todas as áreas do conhecimento (e não somente na de saúde) e aguardam a contribuição cristã evangélica equilibrada, filosófica e abrangente. Por exemplo^{xi}:

1. Quando morre um ser humano?
2. Quando é lícito deixar de intentar manter vivo um ser humano?
3. Quando é lícito extrair órgãos de um ser humano com o fim de transplantá-lo a outro?

Na tradição ocidental, a partir da queda do Império Romano, o comportamento em relação àquele que está para morrer, segundo o conhecimento médico do momento, pode ser, genericamente, dividido em quatro fases^{xii}:

1. a da Idade Média, onde prevaleciam os cuidados espirituais, com pouca efetividade sobre os sintomas orgânicos, incluindo a dor;
2. a do modelo biomédico cartesiano do século XVII, onde a tendência era o abandono por não haver conhecimento suficiente para enfrentar as enfermidades terminais de então;
3. a do progresso biotecnológico da segunda metade do século XX, onde, após o acúmulo progressivo do conhecimento biológico associado à capacidade de conceber e realizar, resultou na obstinação terapêutica e isolamento daquele que está a morrer;
4. a da época dos cuidados paliativos (de inspiração cristã^{xiii}), a partir da década de 60, com a busca de se implementar uma série de cuidados planejados

buscando atender à todas as necessidades da pessoa “em fase final” (incluindo as biológicas, psicológicas e espirituais) buscando uma melhor qualidade de vida e de morte.

Sendo a morte evento certo, apenas adiável por um período de tempo, não seria arrogância, como aquela do Éden quando o limite imposto foi recusado, esforços médicos heroicos e desesperados, efetuados em nome de uma mínima chance de vida futura e com qualidade questionável? Não seria arrogância a expectativa de um milagre final, evento raro estatisticamente falando? O não deixar morrer interessa a quem: à família, com dívidas por saldar? Ao moribundo, em nome de uma possível “aceitação do Evangelho” nos momentos finais de vida? O que é terapêutico (útil para o paciente)? O que é iatrogênico (causador de mal desnecessário)? O que é útil e o que é fútil?

Qual o impacto que a realidade da ressurreição traz sobre o nosso modo de ver a morte e para ela se preparar? Estamos prontos para vê-la como uma passagem para uma realidade melhor, ainda que desconhecida? A confiança em Nosso Pai Amoroso, definido como sendo Amor (I Jo 4.8), é suficientemente poderosa para que enfrentemos com confiança o desconhecido, terra donde nenhum homem jamais voltou – apenas Jesus? Desejamos ardentemente o corpo espiritual, sucessor deste carnal, cujo exemplo único é aquele testemunhado pelos apóstolos e os seguidores mais próximos?

O momento da morte é cheio de fantasmas: a possibilidade da dor, do isolamento, da falta de significado. Não serão eles que justificam a eutanásia ativa (o fazer morrer, ao contrário da passiva, o deixar morrer), buscando preservar a dignidade da pessoa? Como sustentação deste ponto, há o exemplo do Lar Nossa Senhora da Conceição, dedicado aos cuidados paliativos, onde não houve solicitação de eutanásia ou de interrupção de tratamento^{xiv}, por 14 anos (até a data da publicação do artigo, em 19..). Cuidados paliativos são definidos como um conjunto de ações multiprofissionais orquestradas que melhoram a qualidade de vida dos pacientes e de seus familiares através da identificação e alívio do sofrimento em suas diferentes dimensões (física, mental, social e espiritual), tratando enfermo e família como uma unidade de tratamento, privilegiando as vivências e valores subjetivos^{xv}. A equipe deve revestir-se de compaixão, “o não ter medo do sofrimento outro e assumí-lo dentro de si sem deixar-se nele naufragar”. E para isto é necessário que quem cuida “não tenha medo de frequentar seus próprios momentos de luto, de ruptura e de crise”, de tal forma que seja confiante na impermanência desta atual forma de vida^{xvi}.

A “boa morte” talvez possa ser definida como aquela que ocorre em circunstâncias onde^{xvii}:

1. viveu-se o máximo do potencial biológico, emocional, espiritual, vocacional e social;
2. manteve-se alerta e independente até onde foi possível;
3. o conhecimento sobre suas condições estava disponível para ser apropriado ou não, conforme o desejo da pessoa;
4. o acompanhamento foi realizado por profissionais competentes, seguros e sensíveis;
5. a pessoa foi o juiz final de tudo aquilo que lhe dizia respeito;
6. foi possibilitado o uso criativo do tempo;
7. as necessidades e temores dos familiares foram também tratados

profissionalmente com segurança, competência e sensibilidade, antes, durante e após o óbito;

8. houve conforto, dignidade e paz.

Desta forma, morrer continua sendo um ato solitário, assim como o nascer, mas somente naquele ponto em que estas vivências não podem ser vividas por outro, apenas por aquele que a experimenta.

Obrigado.

- i Rowling JK *Os contos de Beedle, o bardo* Editora Rocco, RJ, Rio de Janeiro, 2008
- ii Mundim ER *Princípio básico da bioética cristã*, em <http://www.bioeticaefecrista.med.br/textos/principio%20basico%20da%20bioetica%20crista.pdf>
- iii Brown C *Ressurreição* em Colin Brown (ed) *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, vol IV, Edições Vida Nova, São Paulo, SP, pg 162, 1989
- iv Davids PH *Habitação dos mortos* em Walter A Elwell (ed) *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, vol II, Edições Vida Nova, São Paulo, SP, pg 559-60, 1990
- v
- vi Mundim ER *O Início da vida segundo as escrituras*, em <http://www.bioeticaefecrista.med.br/textos/o%20inicio%20da%20vida%20segundo%20as%20escrituras.pdf>
- vii Valls ALM *Repensando a vida e a morte do ponto de vista filosófico*, em www.ufrgs.br/bioetica/morteamv.htm
- viii Valls ALM op. cit.
- ix Collange JF, Hentz JG, Lehmkuehler K, Olekhnovitch L, Rive JP, Schweitzer L, Sicard D *États généraux de la bioéthique 2009 - Éléments de réflexion proposés par la Commission Église et Société de la FPF*, disponível em <http://www.protestants.org/index.php?id=31566>
- x Ver, por exemplo, o blog www.juliosevero.com pesquisando o termo
- xi Valls ALM op. cit.
- xii Peralta A *Enfermedad terminal* em Juan Carlos Tealdi (dir) *Diccionario latinoamericano de bioética*, vol III, UNESCO – Red latinoamericano e del Caribe de bioética, Universidad Nacional de Colombia, pg 492-495, 2008
- xiii Hennezel M e Leloup JY *A Morte de morrer*, 5ª ed, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2002
- xiv <http://www.cuidadospaliativos.com.br/artigo.php?cdTexto=358>
- xv Simone G *Cuidados paliativos* em Juan Carlos Tealdi (dir) *Diccionario latinoamericano de bioética*, vol III, UNESCO – Red latinoamericano e del Caribe de bioética, Universidad Nacional de Colombia, pg 87-88, 2008
- xvi Hennezel M e Leloup JY op. cit.
- xvii Peralta A op. cit.